

**Michelle Duarte da Silva  
Schlemper**

Universidade Federal de  
Santa Catarina – UFSC  
Florianópolis, SC, Brasil

**TRADUÇÃO COMENTADA, DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL EM  
LIBRAS PARA O PORTUGUÊS ESCRITO, DO CONTO “A  
FORMIGA INDÍGENA SURDA”, DE MARINA TELES**

**COMMENTED TRANSLATION, INTO LIBRAS FROM  
WRITTEN PORTUGUESE, OF THE SHORT STORY “A FORMIGA  
INDÍGENA SURDA”, BY MARINA TELES**

**RESUMO**

Este artigo busca, a partir da análise dialógica do discurso - ADD, apresentar a tradução comentada como um gênero discursivo acadêmico. Buscamos por meio de Zavlágia (2015) e Torres (2017), apresentar o processo discursivo da tradução comentada, de Libras para o português escrito, do conto *A Formiga Indígena Surda*, de Marina Teles. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, para análise serão usados a decupagem dos excertos do texto em Libras, imagens e tabelas que apresentam o processo tradutório. Por fim, será apresentada uma tradução inédita em forma de ebook ilustrado em português escrito do conto *A formiguinha indígena Surda*.

**Palavras-chave:** Tradução comentada; Tradução e Libras; Literatura surda.

**ABSTRACT**

This article seeks, from the dialogical analysis of discourse - ADD, to present the commented translation as an academic discursive genre. Through Zavlágia (2015) and Torres (2017), we seek to present the discursive process of the commented translation, from Libras into written Portuguese, of the short story *A Formiga Indígena Surda*, by Marina Teles. This is a qualitative research. For analysis, excerpts from the text will be used in Libras, images and tables that present the translation process. Finally, an unpublished translation will be presented in the form of an illustrated ebook in Portuguese written of the short story *A Deaf indigenous ant*.

**Keywords:** Commented translation; Translation and Libras; Deaf Literature.

Recebido: 30/06/2021 / Aprovado: 14/12/2021

Como citar: Schlemper, Michelle Duarte da Silva. Tradução comentada, de produção audiovisual em libras para o português escrito, do conto “A Formiga Indígena Surda”, de marina teles. Revista GEMINIS, v. 12, n. 3, pp. 124-146, ago./set. 2021

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.



## 1. INTRODUÇÃO

A tradução comentada tem sido mais utilizada no meio literário e acadêmico, no entanto, ainda há poucas pesquisas acerca do assunto (TORRES 2017, ZAVLÁGIA 2015, ALBRES, 2020).

O que podemos analisar na literatura comentada? Eu responderia que depende. Depende do texto e depende do tradutor- comentarista-pesquisador. O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas. (TORRES, 2017, p.19)

Torres (2017) entende a tradução comentada como um gênero discursivo acadêmico, onde tradutores e estudantes buscam justificar suas escolhas tradutórias ao longo do texto num constante diálogo com o leitor, por meio das notas de rodapé ou notas de fim, também conhecidas como notas do tradutor (NT).

Para Albres (2020, p.430) “a tradução comentada é construída com o tom valorativo”, nela o tradutor, agora autor da tradução comentada, desenvolve discursivamente sua análise. Um processo que o faz vivenciar a linguagem viva, onde seleciona de sua tradução para ser analisado, aquilo que entende ser relevante. Dessa forma, para a autora, “é o tradutor que delimita seu objeto de estudo e as categorias de análise” (ALBRES, 2020, p.430). Ainda segundo Zavlágia *et all* (2015), a tradução comentada se refere a uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva, em que o sujeito tradutor durante o processo de tradução textual, tece comentários a respeito de seu processo de tradução. De acordo com as autoras:

Talvez uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico resida no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização.

De acordo com Albres (2020) é possível usar a Análise dialógica do discurso, doravante ADD, para analisar e embasar teoricamente as traduções comentadas. Segundo a autora:

A perspectiva teórica enunciativo-discursiva também é bastante profícua para embasar a construção de traduções comentadas. Nessa vertente, considera-se que analisar o discurso corresponde a compreender que em uma tradução comentada não estudamos apenas a língua como um sistema, mas a linguagem viva no seu movimento de interpretação e construção de sentidos como também pela produção de sentidos vivida pelo tradutor (ALBRES, 2020, p. 429).

Assim, pretendemos por meio deste artigo apresentar o processo discursivo da tradução comentada, de Libras para o português escrito, do conto **A Formiga Indígena Surda**, de Marina Teles, assim como apresentar ao leitor uma tradução desta obra em forma de um ebook ilustrado.

## 2. TRADUÇÃO COMENTADA E ADD

Por meio desta sessão pretendemos levar o leitor a refletir sobre a relação entre a tradução comentada e a Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD.

Ao iniciar uma tradução comentada, o sujeito tradutor se envolve inteiramente com seu objeto, o texto primeiro, sendo sujeito leitor especial, lê, analisa, desfruta e rumina o texto objeto de seu trabalho. Como sujeito tradutor, discute consigo mesmo e com os outros, as relações e interrelações entre as línguas e culturas de partida e de chegada.

Quando se trata de tradução literária infanto-juvenil, sua discussão ainda lida com o duplo leitorado destas; com a questão de traduzir ou não as imagens que compõem o texto primeiro (quando este é ilustrado); com a equipe que compõe o projeto tradutório etc.,. No caso de traduções de e para língua de sinais, o tradutor também precisa discutir a questão da modalidade da língua de partida e de chegada, se gesto-visual por meio de Vídeo gravação ou gráfica – impressa; quais plataformas de exibição e disponibilização da tradução quando estas são multimidiáticas; aspectos terminológicos relacionados a faixa etária a qual a tradução é direcionada etc.

Pode-se perceber por meio desses pequenos exemplos, que são diversas as questões que o sujeito tradutor necessita discutir ao iniciar o projeto tradutório. Um processo de pesquisa que ocorre de forma introspectiva e retrospectiva, (ZAVLÁGIA *et all*, 2015), onde o tradutor vai tecendo comentários a respeito de seu processo de tradução.

Discussões que são influenciadas polifonicamente<sup>1</sup> por suas experiências de vida e pelas experiências daqueles que com ele participam do projeto. Na tradução comentada, parte destas discussões é registrada pelo próprio tradutor, a fim de levar o leitor final da obra a ter lampejos do processo tradutório discursivo pelo qual o tradutor passou.

Tais reflexões corroboram com Torres (2017) quando escreve que a tradução e o comentário estão interrelacionados, mesmo possuindo diferenças intrínsecas. Ambos partem da interpretação do sujeito tradutor de um texto primário, interpretação que se inicia na leitura e análise de um primeiro texto para findar no registro do segundo texto. Assim, tradução e comentário possuem similaridades e diferenças intrínsecas, uma vez que ambos partem da secundariedade, ou seja, da interpretação expressa por meio da leitura, análise e registro de um primeiro texto. “Tradução e comentário têm em comum essa qualidade incoativa – que se refere ao que inicia, que começa –, sempre em processo,

---

<sup>1</sup> Como na música a polifonia é formada por acordes diversos que imbricados formam uma nova música, uma nova melodia, para Bakhtin na literatura, a polifonia apresenta uma inter-relação de ideias e vozes, de tempos e espaços diversos, que se cruzam a fim de formar uma nova ideia, uma nova voz.

nunca acabado, num outro espaço e tempo, com outros leitores, outras línguas-culturas” (TORRES, 2017, p. 17)

Tal reflexão nos leva a ponderar nos aspectos dialógicos da tradução comentada, uma vez que a partir da formação ideológica do tradutor ou do leitor da tradução, novos e diferentes sentidos podem surgir. “Não existe comentário sem leitura, e como há uma multiplicidade de leituras possíveis, uma polissemia inerente a todo texto, posso afirmar que não existe um só comentário possível/existente.” (TORRES, 2017, p. 17).

As escolhas tradutórias, as formas de registro das notas, as formas de leitura e interpretação do sujeito tradutor, não são neutras, mas formadas polifonicamente no tempo e cultura da qual este vive. Tais ponderações nos mostram a necessidade de, às vezes, o tradutor entender ser importante explicar palavras e conceitos que remetem a outros tempos e culturas, que aparecem no texto traduzido, o que reflete a afirmação de Bakhtin (2003, p. 289), de que “um enunciado absolutamente neutro é impossível.”.

Tais elementos remetem a um sujeito tradutor-autor, firmado em determinado cronotopo<sup>2</sup> a analisar suas escolhas tradutórias, as escolhas de seus discursos em contrapartida com o discurso de outro (texto primeiro); a dialogar com outros textos, outras traduções e a dialogar consigo mesmo e com um possível interlocutor (leitor) imaginado por ele mesmo. O tradutor então:

ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos (ZAVLÁGIA *et all.*, 2015, p.339)

Temos aqui uma cadeia polifônica de sujeitos (autor primeiro, autor tradutor, outros tradutores e leitor) e discursos. Sim, outros tradutores, pois muitas obras são traduzidas para diversas línguas e culturas, e às vezes também para a mesma língua na qual o tradutor empenha seu ofício e “todo tradutor procura saber se existem outras traduções do texto que vai traduzir, seja na mesma língua para a qual traduz, seja em outras línguas que ele domina” (TORRES, 2017, p. 26). Assim o tradutor que se aventura num projeto de tradução comentada, se embrenha numa relação dialógica consigo mesmo e com outros sujeitos, que compartilham um interesse comum, o assunto do texto traduzido.

<sup>2</sup> Cronotopo foi um termo cunhado por Bakhtin para indicar um determinado tempo e espaço. Um determinado contexto social vivido pelo sujeito. Etimologicamente provém do grego onde Cronos = tempo e Topo = lugar.

### 3.PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que não busca apresentar seus resultados numericamente, mas que pretende por meio de sensações, opiniões, e observações apresentar ao leitor o resultado das análises feitas pela tradutora-pesquisadora. As pesquisas de cunho qualitativo vão ao encontro a ADD, uma vez que reconhecem o pesquisador enquanto sujeito participante da pesquisa, não inteiramente neutro. Compreendendo que pesquisador e objeto pesquisado mantém uma relação direta, onde “fazer ciência é construir significados cuja validade se calcula no interior do horizonte teórico que engendra a pesquisa” (ROHLING, 2014, p.58).

De acordo com Albres (2020) uma tradução comentada apresenta ao leitor discussões teóricas sobre aspectos do processo tradutório que são elucidados por meio de exemplos ilustrativos. Ou seja, o tradutor apresenta ao leitor por meio de comentários elucidativos, baseados nas teorias da tradução, sua tradução e seu processo tradutório. Onde os comentários permitem ao leitor compreender o processo de elaboração da tradução percorrido pelo tradutor. Ainda segundo Freitas, Torres e Costa, é importante observar que a “estrutura recorrente em estudos desse gênero é que original e tradução são incorporados ao corpo textual em apresentação bilíngue e em colunas” (FREITAS; TORRES e COSTA, 2017, p. 11)

Para exemplificar como podemos por meio da ADD analisar uma tradução comentada, trouxemos para o leitor nosso próprio processo tradutório do conto “A formiga indígena surda” de Marina Teles. Zavlágia *et All* (2015) indica que em uma tradução comentada o tradutor

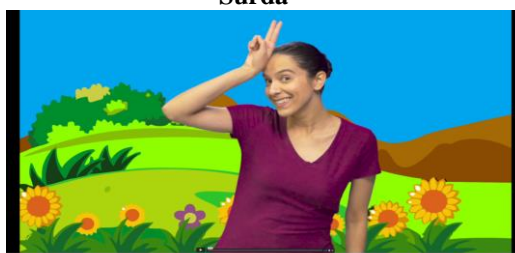
apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. (ZAVLÁGIA *et all*, 2015, p.339)

Assim, buscando seguir tais passos em nossa análise, apresentaremos o percurso metodológico por nós seguido em nossa tradução comentada.

### 3.1 O contexto da obra, do autor e sua importância

#### a) Contexto

**Figura 1 – Abertura do Conto: Formiga indígena Surda**



Fonte: HASWELL, 2019

A Formiga indígena surda, é uma criação surda (Karnopp, 2010; Mourão, 2011; Schlemper, 2016), criada pela aluna surda Marina Teles, para o projeto de extensão Literatura Didática em Libras, coordenado pela professora ouvinte Rachel Louise Sutton- Spence. O projeto Literatura Didática em Libras é hospedado na plataforma Vimeo, e de acordo com o registrado na própria página do projeto, seu objetivo é...

O projeto Literatura Didática em Libras é uma atividade de extensão com professores e alunos do Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As narrativas originais e humorísticas, foram criadas em Libras para alunos surdos iniciantes de Libras. O foco principal está na configuração de mão e nos elementos não manuais, o destaque desse material é explorar o humor surdo, realizado em Libras. O conteúdo das histórias mostra a cultura surda e a cultura brasileira. Cada uma dessas narrativas curtas, conta com ilustrações que apoiam e ampliam as ideias visuais dos sinais. Os professores podem usar estas histórias para estimular a aprendizagem da Libras, do humor surdo e dos tópicos nas narrativas. Esse trabalho faz parte da Antologia de Literatura em Libras, organizado dentro do projeto Documentação da Libras, que tem o objetivo de disponibilizar materiais de literatura em Libras para professores de Libras. (HASWELL, 2019)

Podemos apreender do parágrafo acima que a obra se trata de Literatura Surda (KARNOPP 2006; MOURÃO, 2011; SCHLEMPER, 2016). Trata-se de uma produção midiática (sem áudio ou legenda), direcionada ao público surdo, que usa Libras agregada ao Visual Vernacular (uma expressão de arte literária usada pelas comunidades surdas para contação de histórias, poesias e piadas). O Visual Vernacular usa em sua produção a mistura de poucos sinais em Língua de Sinais padrão, no caso a Libras, com gestos, mímicas, expressões corporais, dando ênfase a configuração de mãos que acompanham a narração. No conto selecionado por exemplo a configuração de mãos utilizada foi a do sinal FORMIGA, demonstrada na figura 1, acima.

#### b) Autores



A autora do conto, Marina Teles é surda, fez o curso de licenciatura em Letras Libras Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e é voluntária no projeto Literatura Didática em Libras. A professora Doutora Rachel Louise Sutton-Spence, coordenadora do projeto, é ouvinte, inglesa, residente permanente no Brasil, docente efetiva na UFSC desde 2014, vem desenvolvendo pesquisas na área de Literatura Surda voltada ao público surdo. Ambas a autora e a coordenadora do projeto, assim como os demais participantes do projeto são membros ativos da comunidade surda local, lutando pelos direitos de acessibilidade e educação dos surdos por meio do acesso à língua de sinais e disseminação de literatura surda.

### c) Relevância

A disseminação e divulgação de literatura surda é algo recente. Ainda é ínfima a produção literária produzida de e para a comunidade surda. Produção que carregue marcas culturais ideológico-discursivas próprias da comunidade surda. Razão para entendermos a relevância da tradução de tal material, uma vez que concordamos com Mourão (2011) quando escreve que o contato dos surdos com histórias, com a cultura e literatura surda lhes possibilita o desenvolvimento cognitivo, cultural, linguístico e social. Possibilita assim o desenvolvimento de uma identidade surda sadia, vista como diferença linguística e cultural e não como doença a ser sanada.

A obra analisada é rica em elementos visuais, que se apresentam corporalmente na sinalização da narradora. Por meio da sinalização é apresentada a cultura visual da comunidade surda, que ao ser traduzida para o português escrito pode ser explorada, de forma didática, pelos professores de surdos também no ensino de português como segunda língua, além de poder levar aos rincões ouvintes um pouco da cultura e literatura surda.

No entanto como o projeto Literatura Didática em Libras não prevê a tradução para português dos contos criados, seja em áudio ou legenda, o conto A Formiga Indígena Surda foi publicado em Sinais, sem texto escrito para o português. Assim como até o momento não havia nenhuma tradução da obra para o português escrito ou oral, de forma que ouvintes que não sabem Libras pudessem contemplar e conhecer a cultura e literatura surda, ou professores de surdos pudessem usar a tradução desta literatura surda como recurso didático para ensino de português como segunda língua com seus alunos, foi solicitado para a coordenadora do projeto Literatura Didática em Libras a autorização para traduzir e divulgar os contos deste.

Primeiramente, a tradução e o processo percorrido pela tradutora foram utilizados junto a disciplina LSB7022 - Fundamentos da Tradução e da Interpretação, do curso de letras Libras da UFSC, no semestre pandêmico de 2020.2 para ensinar aos alunos sobre o percurso tradutório por qual

passa um tradutor literário. Após, o projeto de extensão **Cada Encontro eu Conto um Conto**<sup>3</sup>, solicitou a autorização para divulgação do material, vindo este a torna-se neste artigo.

### 3.2 Procedimentos tradutórios

Ainda seguindo os passos elencados por Zavlágia *et all*, passamos a apresentar os procedimentos tradutórios que seguimos durante a tradução de Libras para o português escrito do conto “A Formiga Indígena Surda”

O primeiro passo foi assistir a vídeo-gravação do conto, cujo tempo é 01:01 segundos, publicado em 26 de agosto de 2019 e que está registrado na plataforma Vimeo, no canal do projeto Literatura didática em Libras junto a outros contos do projeto. O mesmo está disponível gratuitamente e pode ser acessado por meio do link <https://vimeo.com/showcase/6241328/video/355984518>. Passamos a refletir sobre quais seriam os próximos passos a tomar, quais características deveriam compor o texto alvo, qual o contexto de sua criação, para qual contexto seria a tradução. Qual o público-alvo da criação e o público-alvo de tradução. Qual o tipo de língua ou linguagem se daria a tradução. Perguntas e discussões relevantes a todo tradutor literário, que nos levam a corroborar com Zavlágia *et all* (2015, p. 349) quando afirma que o tradutor, “mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor.”

Já tecendo comentários e discussões a respeito das reflexões realizadas, entende-se que o público-alvo do texto primeiro era focado em crianças surdas, para aprender e deleitar-se com a literatura visual, e professores de surdos que pudessem usar a literatura de forma didática no ambiente escolar para ensinar literatura e cultura surda, enquanto fariam parte de meu público-alvo: Surdos e ouvintes leitores, em processo de aprendizagem da leitura em português escrito e com interesse no tema de literatura surda.

#### a) Aspectos significativos

Numa tradução que parte do texto escrito para outra língua, seja ela escrita ou gesto-visual, o tradutor, enquanto lê o texto base, pode ir fazendo apontamentos, anotando o que vai lendo. Quando a tradução parte do texto gesto-visual, disponibilizado midiaticamente é diferente, pois não há um papel impresso onde se pode ir sublinhando termos desconhecidos e dificuldades encontradas. O texto gesto-visual, disponibilizado midiaticamente, neste caso na plataforma Vimeo, vai correndo a frente e fugindo aos olhos do tradutor quando este decide baixar o olhar para alguma anotação.

---

<sup>3</sup> Projeto de extensão que visa disponibilizar midiaticamente traduções audiovisuais de contos infantis, literatura Surda e literatura em Libras. O projeto pode ser acessado pelo link <https://cadaencontroumconto.paginas.ufsc.br/>



Ressalta-se que o texto base é produzido, como dito anteriormente, em Libras agregada ao Visual Vernacular - VV, que não usa termos convencionais da Libras em suas produções, mas trata-se de uma produção multimodal multimidiática em língua gestual, numa composição entre Libras, gestos, mímica e performance corporal. Nesta as configurações de mãos podem mudar de conceito a depender do contexto. A autora/narradora, usando da estética visual do VV, apresenta o conto gestual-corporalmente. A produção midiática traz como fundo a imagem de um campo que permanece estático até o final, onde aparece então a imagem de uma formiga, que parece transformar-se em uma formiga indígena.

**Figura 2 - APP Voice to Text**

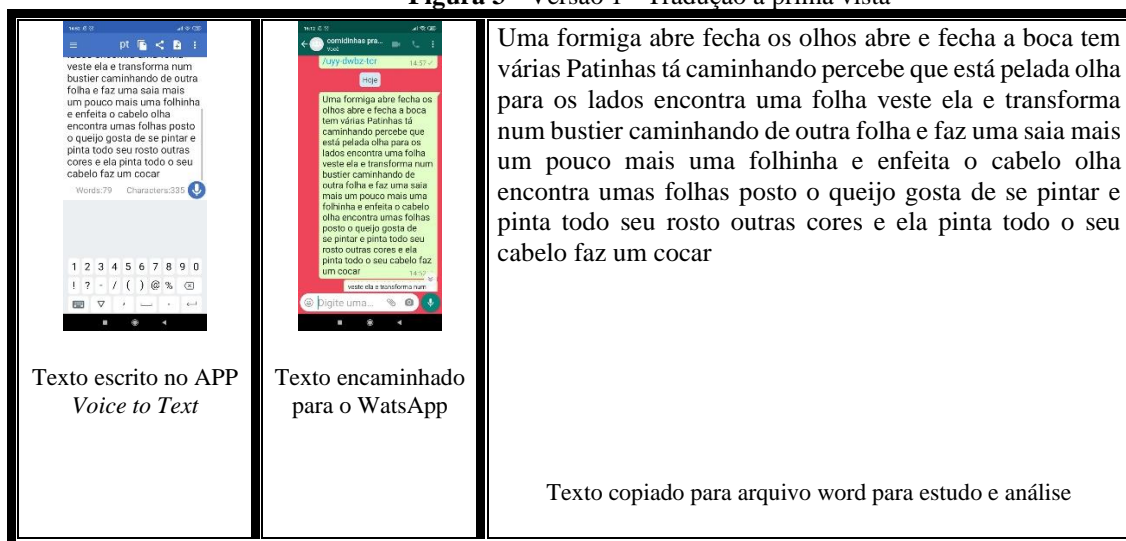


Fonte: Própria do autor

Assim, para poder ter registrada a primeira versão, interpretação do texto, decidiu-se baixar um aplicativo de celular que transforma voz em texto e usar este, para uma primeira tradução. O aplicativo selecionado foi o *Voice to text* - figura 2, que pode ser baixado gratuitamente pelo *play store* para celulares *Android*.

Após baixar o Aplicativo *Voice to text*, colocamos novamente o texto correr e traduzimos oralmente ele. Uma tradução à prima vista (RODRIGUES; BEER; 2015). O aplicativo transformou a voz em texto escrito, que foi enviado para o APP *WhatsApp*. Foi então copiado e colado no arquivo que passamos a trabalhar, onde pudemos então fazer os ajustes sintáticos e estudar a versão escrita do texto. Abaixo apresentamos esta primeira versão. Que saiu do texto gesto-visual, para voz e desta para texto escrito, num processo multimodal de tradução interlingual (RODRIGUES; BEER, 2015).

**Figura 3 - Versão 1 - Tradução a prima vista**



**Fonte:** Elaborado pela autora

Ao observar a tradução, que mais estava para uma descrição do que foi visto, pode-se voltar novamente ao texto base e relacionar a sinalização com elementos da língua portuguesa escrita que viessem a dar sentido a narrativa infanto-juvenil. Como o público-alvo escolhido para esta tradução eram crianças em fase de alfabetização e o gênero literário era a narrativa infantil, buscou-se, perceber e estruturar a narração numa linguagem que respeitasse as características das narrativas infantis - conto e a linguagem de crianças em fase de alfabetização.

Nesse momento, segundo Zavlágia *et all*, passamos a buscar “entender as dificuldades interpretativas da obra da tradução, sejam elas referentes a morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos” (2017, p. 349).

Voltamos assim a refletir sobre as dificuldades encontradas durante o processo de tradução como: sinais/expressões desconhecidas, características da língua alvo, estilo que o texto da tradução apresentaria, para levar ao leitor final, os mesmos sentidos e sensações estéticas desejadas pelo autor do texto, sentidas pelo leitor inicial da obra. Assim a opção foi uma tradução pelo sentido, que buscasse marcar o começo, meio e fim, apresentasse o conto, mostrasse o problema vivido pelo personagem e ao final a resolução deste pelo personagem. Nesse processo, eu enquanto sujeito tradutor, diante das escolhas a serem feitas, não conseguiria permanecer neutra.

Outro detalhe relevante a ser considerado, é que no texto base, fora o título “A formiga Indígena Surda” grafado em língua portuguesa no site de hospedagem, não há indícios ou sinalização que mostre ou apresente a formiga como surda. O texto em Libras não começa como **era uma formiga surda**, ou termina dizendo **a formiga surda se transformou**, ou mesmo em algum momento há a indicação de surdez da formiga, como em outras obras da literatura surda. No entanto como o

texto é produzido em VV, e o público-alvo do mesmo são pessoas surdas, para a cultura do público surdo não há essa necessidade de informação. Ela é culturalmente latente na visualidade do conto.

Mas para um povo, língua e cultura que não a surda, esse detalhe se perde, se não for marcado na tradução. Assim, optou-se pela tradução pelo sentido, buscando marcar acontecimentos e palavras, que de forma lúdica pudessem levar o leitor ao reconhecimento da cultura surda. Assim, mesmo que a sinalização não mostrasse diretamente que a formiguinha era surda, preferiu-se por deixar isso registrado no texto escrito como marca cultural ideológico-linguística da comunidade surda. E aqui estou segundo Torres (2017) como tradutora, buscando justificar dialogicamente minhas escolhas tradutórias, ao leitor, ao longo do texto. De forma que corroboramos com Albres (2014) quando escreve que:

Para Bakhtin/Volochínov (1992), toda linguagem é dialógica, ou seja, todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém, e a orientação dialógica é um fenômeno próprio do discurso. Logo, o tradutor/intérprete está envolvido na relação entre emissor e receptor, e participa dela quando há comunicação de falantes que usam línguas diferentes. (ALBRES, 2014, p.1154)

Para melhor ajustar os termos vistos, optamos então pela técnica da decupagem, printando as imagens do conto e escrevendo ao lado as palavras que traduziam a sinalização ou expressavam o que estava sendo narrado. conforme a figura 4 apresentada a seguir.

**Figura 4** - Decupagem de excertos do texto fonte



**Fonte:** Elaborado pela autora

Neste ponto, como leitor especial que não somente lê, mas busca reviver a obra, ruminando cada detalhe que lhe chama a atenção, buscamos nos apoiar em Zavaglia *et all* (2015), onde a mesma informa que a tradução comentada é um processo analítico, onde o tradutor constantemente questiona suas próprias decisões, onde transvestido de leitor-tradutor mergulha no texto fonte na busca por entender as dificuldades encontradas, “sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à

pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos” (ZAVLÀGIA *et all.*, 2015, p.339)

E nos questionamos...Como começo a história? Como transformar o sinal, o visual vernacular, a performance corporal em palavras? Como organizar a história com início, meio (ápice) e fim, de forma a respeitar o texto primário e manter a ludicidade no texto final? Como manter as características surdas na tradução? Nesse processo chegamos a uma segunda versão da tradução proposta, conforme segue:

**Figura 5** – 2ª versão da tradução proposta






*Um dia encontrei uma formiguinha surda, de olhos bem vívidos, boquinha sempre com fome, estava passeando tranquila pelo campo, quando de repente percebeu que estava sem roupa... Preocupada a formiguinha começou a buscar algo pra se vestir, procurou, procurou e encontro uma folha, com ela fez um bustiê de amarrar. Andou mais um pouquinho e viu algumas folhas que lhe dariam uma linda saia. Ela ficou tão empolgada que procurou mais uma folha para ajeitar os seus cabelos. Foi quando ela viu uma folha que soltava tinta, e resolveu pintar seu rosto. Primeiro pintou as bochechas, depois o queixo, em cima dos olhos e o nariz. A formiguinha estava tão empolgada com sua transformação, que quando ela viu mais umas folhinhas ali perto fez um lindo cocar para sua cabeça e desde então ela é conhecida como a formiguinha indígena surda.*








**Fonte:** Elaborado pela autora

Comparando essa proposta de tradução ao texto primeiro, percebemos ainda alguns detalhes que seriam necessários alterar para que a tradução seguisse lúdica e esteticamente o conto. Assim, colocamos abaixo em forma de tabela comparativa, seguindo a proposta de Albres (2020), algumas de nossas análises que levaram a terceira versão de nossa tradução.

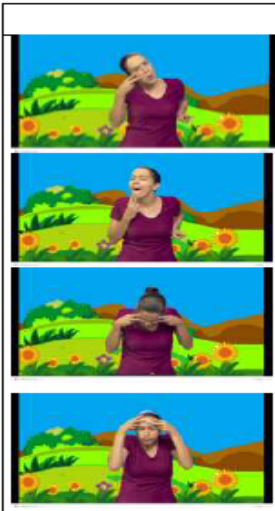
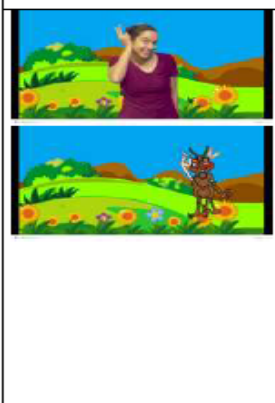
A tabela proposta, é apresentada em três colunas, onde a primeira apresenta a decupagem do texto base, a segunda apresenta tempo do vídeo a que a proposta de tradução de refere e a proposta de tradução, e a terceira coluna apresenta os comentários e justificativas para as escolhas realizadas.

Figura 6 - Tabela de tradução

Decupagem/texto primário	Tempo/Escolha tradutória	Comentários
	00:01 Um dia eu encontrei uma formiguinha surda,	Sinal em Libras para formiga. Como tratasse de narração infantil, optou-se pelo início com: Um dia... e formiguinha, pois crianças em fase de alfabetização tendem ao diminutivo ao tratar de animais. Nesse momento optou-se por marcar a questão da surdez no conto, mesmo que a sinalização não apresente. Iniciamos dizendo ao leitor que a formiguinha é surda.
	00:02 de olhos bem vividos,	Este trecho apresenta como ao longo do conto o uso do VV – Visual Vernacular – Configuração de mãos que em conjunto com a fala gesto corporal contam algo. Olhos abrindo e fechando, bem abertos, curiosos, cheios de vida, buscando algo. Algo característico dos surdos, sempre atentos visualmente ao que acontece ao redor.
	00:05 boquinha sempre com fome,	Uso de VV, as mãos mostram as garrinhas da boca da formiga abrindo e fechando..a escolha deu-se pelo fato de as formigas viverem a procura de comida
	00:07 estava passeando tranquila pelo campo.	A imagem de fundo do vídeo apresenta uma paisagem de campo, enquanto a formiga apresenta expressão de tranquilidade enquanto caminha.
	00:09 Quando de repente viu seu reflexo numa gotinha de água e percebeu que estava sem roupa...levou um susto danado	Do nada, de repente a foirmiga mostra-se assustada. A escolha reflexo, e gotinha de água, provem de outro texho do texto mais a frente. Mas leva a perguntar, como a formiga soube que estava pelada? Não havia outra pessoa para avisar. Assim a inserção pareceu ter relevância. No campo, nas folhas, muitas gotas de agua refletem a imagem como espelho.

	00:11 e preocupada a formiguinha começou a procurar desesperada algo pra se vestir. Procurou, procurou, procurou	Expressão facial e corporal de preocupação a procura algo. Uma das mãos permanece como tapando a nudez. Olha de um lado para o outro. Aparece o Sinal PROCURAR 3X.
	00:15 e encontrou uma folha.	A expressão facial muda para alegria, como quando encontramos algo que buscamos. Mantendo a configuração de mãos a formiga pinça uma algo, que denominamos por folha.
 	00:19 Com ela fez um bustiê de amarrar.	Ela coloca a folha como que vestindo uma blusa, passando por cima da cabeça. Após faz sinal de amarrar em ambos os lados. Escolhemos o termo Bustiê, por ser esse tipo de blusinha que se amarra nos lados.
	00:25 Andou mais um pouquinho e viu algumas folhas que lhe dariam uma linda saia.	Uso de VV para formar a saia. Expressão de admiração e contentamento com o resultado
	00:31 Ela ficou tão empolgada com suas novas roupas que procurou mais um pouquinho e logo encontrou algo que seria o seu colar.	As expressão de alegria e contentamento se mantém, enquanto usando o VV, pinça algo que passa pela cabeça e ajusta no pescoço. Inicialmente entendemos como ajeitar o cabelo, mas a imagem final mostra a formiga com um colar, adereço muito usado pelos índios. Entendemos que a tradução correta era colar.
	00:34 Foi quando ela olhou novamente no espelho d'água e percebeu que seu rosto não tinha nada..	Nesta trecho, após se vestir, a formiga parece fixar o olhar em algo, como a se espelhar, como que estando vendo seu reflexo analisando o que ainda faltava. Ela olhou-se e percebeu que faltava algo no rosto. Mas olhou-se no que? Razão esta para inserirmos o espelho d'água, que foi inserido também no início do conto para mostrar como a



	<p>00:36 Então teve uma ideia, viu uma folha que soltava tinta, e resolveu pintar seu rosto. Primeiro pintou as bochechas, depois o queixo, ao redor dos olhos e a testa..</p>	<p>formiga descobriu que estava nua. O texto visual, usando de VV, apresenta a formiga, remexendo as patinhas em algo e pintando pastes de seu rosto. Pintar o rosto com folhas que soltam tinta também faz parte da cultura indígena.</p>
	<p>00:50 A formiguinha estava tão empolgada com sua transformação, que quando ela viu mais umas folhinhas ali perto fez um lindo cocar para sua cabeça e desde então ela é conhecida como a formiguinha indígena surda.</p>	<p>Com uso de VV, a formiga pega mais folhas e ajeita o que seria um cocar na cabeça, outro adereço usado pelos índios, normalmente com penas. De forma estética enquanto arruma o cocar na cabeça a mão desliza ao sinal de índio ao lado, como um fechamento na transformação da formiga. Após o final do conto aparece a imagem de uma formiga com a cara pintada, usando cocar e adereços indígenas. Optamos também no final marcar que esta se trata de uma formiga surda, agora uma formiga indígena surda.</p>

**Fonte:** Elaborado pela autora

Ao lapidar o texto, comparando as duas primeiras traduções ao texto base, nos atentamos para quatro trechos que entendemos ser relevantes comentar. Os mesmos podem ser verificados na tabela acima, por meio do tempo em que se dá cada trecho.

O primeiro é o início do conto, 00:01ss. Optamos por iniciar a tradução com: **Um dia encontrei uma formiguinha surda.** Tal informação não consta do texto fonte, que inicia apresentando o sinal de FORMIGA e logo apresenta a formiga a passear despreocupada. No entanto o gênero conto infantil solicita a abertura da narrativa, muitas vezes trazida pelo conhecido **Era uma vez...** Assim também formiga se transformou em **formiguinha**, pois crianças em fase de alfabetização tendem ao uso do diminutivo ao se referirem a animais, objetos etc. Nesse momento também se optou por marcar a questão da surdez no conto, mesmo que a sinalização não apresente. Lembramos que para os surdos, público-alvo do texto fonte, não há a necessidade de informar a condição de surdez da formiga, condição esta apresentada corporalmente na performance do autor. Mas para o público-alvo da tradução, caso não registrado graficamente e deliberadamente pelo tradutor, a questão da surdez da formiga, essa informação se perde na transmutação de uma língua para outra. Aqui,

questões ideológicas e políticas do tradutor vem à tona, pois ele tem a possibilidade de levar o leitor a estranheza do texto fonte ou domesticar o texto ao público-alvo. Optamos por levar ao leitor a estranheza a fim de que este conheça e reconheça a literatura surda, como produção cultural e ideológico linguística do povo surdo.

Iniciamos dizendo ao leitor que a formiguinha é surda. Ou seja, a primeira oração do conto: **Um dia eu encontrei uma formiguinha surda**, marca que ele se trata de um conto, direcionado a crianças em fase de alfabetização cujo tema tratará apresenta um personagem surdo.

Um segundo momento que nos encontramos num empasse foi no tempo 00:09 **Quando de repente viu seu reflexo numa gotinha de água e percebeu que estava sem roupa...levou um susto danado**. Na produção midiática, do nada, de repente a Formiga mostra-se assustada. Como ela soube que estava pelada? Não há essa informação no texto fonte. A escolha dos termos **reflexo**, e **gotinha de água**, provém de outro trecho do texto mais a frente, no segundo 0:34, onde na performance da autora, a formiguinha parece olhar num espelho e observar seu rosto. Mas ela se via no quê? Também não há essa indicação no texto fonte. Para a língua portuguesa, num texto infantil, é necessária essa informação para a clara compreensão textual do público leitor. Assim a inserção apresenta relevância, nestes dois momentos, como a imagem de fundo do conto mostra a formiga em um campo, e no campo, nas folhas, muitas gotas de água refletem a imagem, como um espelho, não seria estranho para a criança imaginar que a formiguinha via seu reflexo numa gotinha de água.

O terceiro trecho que apresentamos, se encontra no tempo 00:31 **Ela ficou tão empolgada com suas novas roupas que procurou mais um pouquinho e logo encontrou algo que seria o seu colar**. Conforme pode-se observar nas primeiras duas versões não havíamos entendido a sinalização como colar. Isto deve-se ao fato de que neste momento a autora não usava Libras, mas sim o Visual Vernacular - VV, onde ela pinça algo que passa pela cabeça e ajusta no pescoço. Inicialmente entendemos como ajeitar o cabelo. Mas após estudar o texto com mais cuidado pudemos perceber que no cabelo é colocado o cocar e o conto traz ao final da história uma formiga com um colar, adereço muito usado pelos índios. Tais observações, corroboram com Sobral quando diz que verbal e visual não podem ser analisados separadamente, pois estão interligados num único projeto discursivo, ou seja “o visual e o verbal se constituem mutuamente, como componentes de um mesmo todo” (SOBRAL, 2009, p.92). Essa análise nos levou a entender que a tradução correta era colar.

Por fim e não menos importante, na finalização do conto, buscamos novamente marcar a surdez da formiga, mesmo que o texto fonte apenas fizesse a relação entre a transformação de formiga em índio. **A formiguinha estava tão empolgada com sua transformação, que quando ela viu mais umas folhinhas ali perto fez um lindo cocar para sua cabeça e desde então ela é conhecida como**

**a formiguinha indígena surda.** A transformação de formiga em índio é apresentada de forma estética enquanto arruma o cocar na cabeça a mão desliza ao sinal de índio ao lado, como um fechamento na transformação da formiga, apresentando após o final do conto a imagem de uma formiga com a cara pintada, usando cocar e adereços indígenas.

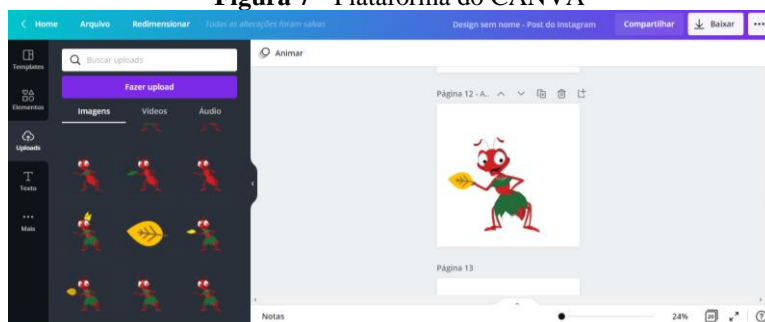
As escolhas tradutórias, as formas de registro das notas, as formas de leitura e interpretação do sujeito tradutor, não são neutras, mas formadas polifonicamente no tempo e cultura da qual este vive. E daí também a necessidade às vezes de entender ser importante explicar palavras e conceitos do texto traduzido que remetem a outros tempos e culturas. A tradução comentada de literatura infantil, vai como gênero discursivo, dialogar com os estudantes e pesquisadores da tradução sobre o processo tradutório do sujeito tradutor.

Diferente de outros projetos de tradução, onde o tradutor deixa registrado como notas de tradução (NT) seus comentários para o leitor saber e conhecer sobre a obra original, isso não ocorre nas traduções infantis, em virtude das características próprias (etárias, linguísticas, cognitivas) do público-alvo da tradução final, de forma que estas são mais presentes no meio acadêmico.

### 3.3 Tradução infantil e intersemiótica

O universo infantil e suas literaturas é composto de elementos multisemióticos, onde diferentes linguagens compõe polifonicamente uma mesma obra. Som, escrita, ilustração, juntos levam os leitores a experienciar diversos sentidos. Jakobson (2007), Plaza (2003), Schlemper (2016) falam da tradução intersemiótica (constantemente relacionada as produções audiovisuais) quando no processo tradutório há o intercâmbio não somente de línguas, mas de sistemas semióticos diversos. Ao traduzirmos a linguagem gesto-visual para palavras e estas para ilustrações, caminhamos por sistemas semióticos diversos. Ao produzirmos uma tradução, composta pela linguagem escrita e visual de forma gráfica, criamos uma obra composta por linguagens diferentes, onde verbal e visual se unem num único projeto discursivo.

**Figura 7 - Plataforma do CANVA**

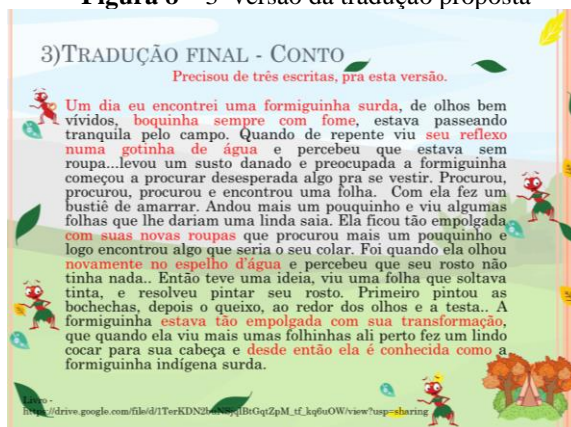


Fonte: Elaborado pela autora

Para criar e montar as cenas da história a partir da tradução escrita, foi utilizado a plataforma de design gráfico *Canva* – figura 7. Ela possibilita aos usuários “criar gráficos de mídia social, apresentações, infográficos, pôsteres e outros conteúdos visuais. Está disponível online e em dispositivos móveis e integra milhões de imagens, fontes, modelos e ilustrações” (Wikipédia, 2021)

Como nossa tradução tinha como público-alvo crianças em fase de alfabetização, ligando o ensino ao lúdico, buscamos também incorporar a mesma uma tradução visual por meio de ilustrações, formando assim um único projeto discursivo. Assim do texto midiático, a sinalização foi traduzida em palavras e as palavras em ilustrações, que de forma multimodal tornaram o texto final mais atrativo aos olhos surdos e ouvintes que os encontrassem. colocando junto ao texto final, elementos visuais que correspondiam ao conto, conforme imagem abaixo.

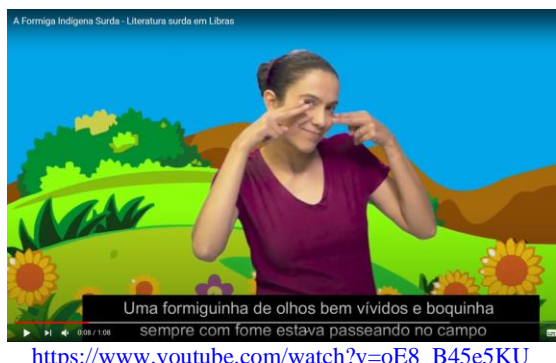
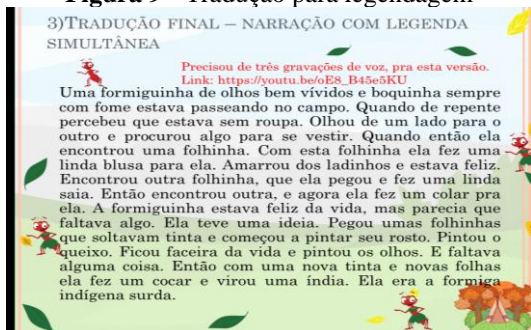
**Figura 8** – 3ª versão da tradução proposta



**Fonte:** Elaborado pela autora

Lembrando Torres (2017) quando diz que “há uma multiplicidade de leituras possíveis, uma polissemia inerente a todo texto,” (TORRES, 2017, p. 17), ou seja, de um texto várias possibilidades de tradução podem surgir, apresentamos abaixo ainda duas traduções distintas para este mesmo texto fonte. Sendo uma para legendagem e outra uma poesia infantil.

**Figura 9 - Tradução para legendagem**

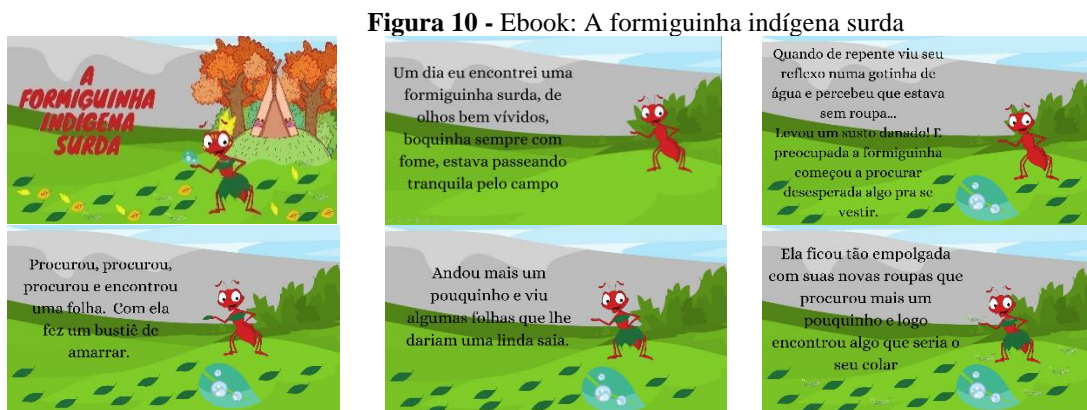


Fonte: Elaborado pela autora

Lembramos que conto, legendagem, poesia, narração, são gêneros discursivos diversos, e por esta razão se apresentam em formas diversas de discursos, mesmo que tratem de um mesmo tema e sejam elaborados por um mesmo sujeito tradutor/criador. Cada um destes gêneros carrega características que lhe são próprias e que no processo de tradução tornam-se latentes aos olhos e ouvidos de quem lhes aprecia.

Como exemplo pudemos experienciar e mostrar aos alunos da disciplina de Fundamentos da tradução e interpretação, que nem sempre uma proposta de tradução, pode ser usada para a legendagem de um vídeo. Pois ao procurar propor uma legenda, que ao ser dublada respeita-se o tempo do texto de partida, tivemos de adaptar novamente nossa proposta de tradução. A qual pode ser consultada por meio do link: [https://www.youtube.com/watch?v=oE8\\_B45e5KU](https://www.youtube.com/watch?v=oE8_B45e5KU), disponibilizado na figura 9.

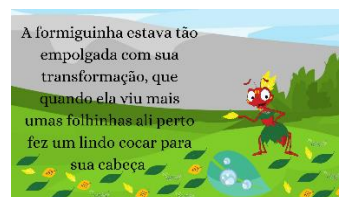
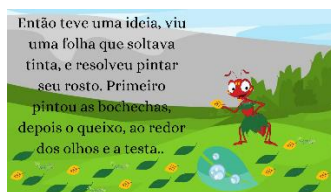
Assim apresentamos ao leitor como parte final deste processo tradutório a tradução intersemiótica em forma de e-book ilustrado do conto: **A formiguinha indígena surda**, que pode ser acessado para baixar como JPG ou assistir e ouvir no site do projeto Cada Encontro eu conto um Conto<sup>4</sup>.



**Figura 10 - Ebook: A formiguinha indígena surda**

<sup>4</sup> <https://cadaencontroumconto.paginas.ufsc.br/2021/05/20/a-formiguinha-indigena-surda/>





Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos exemplos acima, corroboramos com Torres (2017) quando nos leva a refletir sobre os aspectos dialógicos da tradução, pois a partir da formação ideológica do tradutor ou do leitor da tradução, novos e diferentes sentidos podem surgir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos encaminhamos para o final deste artigo, lembrando Torres (2017) quando responde sobre o que se pode analisar na literatura comentada. Diz a autora: “Depende do texto e depende do tradutor- comentarista-pesquisador. O que é certo é que não dá para comentar e analisar tudo. Deve-se fazer escolhas em função dos objetivos prefixados e das prioridades estabelecidas. (TORRES, 2017, p.19)

Concordamos com a autora, a partir das análises até aqui registradas que uma mesma tradução nos permite vários olhares. E nossa escolha foi apresentamos ao leitor o processo tradutório percorrido pela tradutora, do conto **A formiga indígena surda** de Marina Teles. O qual culminou na tradução intersemiótica em português escrito e ilustrada: **A formiguinha indígena surda**, apresentada em forma de *e-book*, o qual como produção audiovisual se encontra disponível em vídeo na plataforma *Youtube* e para baixar em JPG, podendo ser acessados pelo site do projeto Cada Encontro eu Conto um Conto.

O desafio desta tradução, nos fez refletir sobre o envolvimento do tradutor enquanto sujeito ideologicamente formado, em suas escolhas tradutórias. Sendo que nosso envolvimento no projeto culminou não somente na produção do e-book para baixar e legendagem, mas também de outros materiais audiovisuais como o e-book ilustrado com áudio, a contação da história, ilustrações, atividade interativa etc., disponíveis gratuitamente no site do projeto cada Encontro eu Conto um Conto



Percebemos que assim como as possibilidades de tradução audiovisual como e-kook, Ilustrações, narração do conto, atividade interativa, legendagem, muitos outros elementos poderiam ser analisados a partir da ADD, como a questão do gênero discursivo acadêmico da tradução, a questão da importância da tradução intersemiótica dentro das comunidades surdas, a importância do audiovisual na disseminação da literatura surda, entre outros. No entanto o tempo e o limite de páginas para este artigo, nos levam a deixar tais reflexões para outras produções.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 1151-1172, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/fgf3prbxtHNtdWjrMLVW3VQ/?format=html>. Acesso em: 10 jun 2021.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução comentada de/para línguas de sinais: ilustração e modos de apresentação dos dados de pesquisa. **Revista Linguística**, 16(3), 425-451. doi:<https://doi.org/10.31513/linguistica>. 2020. v16 n3

ALBRES, Neiva de Aquino. Traduções comentadas de poesias em e traduzidas para línguas de sinais: um método de pesquisa em consolidação. **Revista Araticum**, v. 21, n. 01, p. 70-90, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/.../article/view/2739>. Acesso em: 10 jun 2021.

BAKHTIN, Mikail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.261-306.

CANVA. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Canva>. Acesso em: 10 jun 2021.

FURLAN, M. e ALTHOFF, G. Sobre traduções comentadas. *Scientia Traductionis*, n.7, p. 134-135, 2010. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p134/23122>

HASWELL, Martin, **Literatura didática em Libras**. A formiga indígena Surda. Vimeo. 26 ago. 2019. Disponível em: <https://vimeo.com/showcase/6241328/video/355984518>. Acesso em: 04 maio 2021

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007. Tradução: BLIKSTEIN, Izidoro; PAES, José Paulo Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/jakobson-romanlinguistica-e-comunicacao.pdf>. Acesso em 20 mar. 2015.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em:

[https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/literaturaVisual/assets/369/Literatura\\_Surda\\_Texto-Base.pdf](https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf) Acesso em: 10 jun 2021.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura Surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. 2011. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade em Educação - Universidade Federal do Grande Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?...1>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PLAZA, Júlio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/285639160\\_Os\\_estudos\\_da\\_traducao\\_e\\_da\\_interpretacao\\_de\\_linguas\\_de\\_sinais\\_novo\\_campo\\_disciplinar\\_emergente](https://www.researchgate.net/publication/285639160_Os_estudos_da_traducao_e_da_interpretacao_de_linguas_de_sinais_novo_campo_disciplinar_emergente). Acesso em: 10 junho 2021.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 44-60, 19 dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **Traduções infantis para libras: o conto como mediador de aquisição sinalar**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, SC, 157 p. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176676/345879.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun 2021.

SOBRAL, Adail. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, n. 1, 2009.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Cap 1 Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: Luana Ferreira de Freitas, Marie Hélène Catherine Torres, Walter Carlos Costa (orgs). **Literatura traduzida: tradução comentada e comentários da tradução**. Fortaleza: Substância, 2017. pp15-35. (TransLetras ; v. 2). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181534/Literatura%20traduzida.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 maio 2021.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla MC; JANCZUR, Christine. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639> . Acesso em: 04 maio 2021.

## Informações sobre o Artigo

**Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:** não se aplica.

**Fontes de financiamento:** UNIEDU/FUMDES

**Apresentação anterior:** não se aplica.

**Agradecimentos:** Gostaria de agradecer à Neiva de Aquino Albres, pelo acompanhamento e apoio durante o doutorado, aos revisores por suas importantes contribuições e reflexões neste artigo e à UNIEDU/FUMDES pelo apoio financeiro à pesquisa.

## Michelle Duarte da Silva Schlemper

Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2020-...). Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2016). Especialista em Linguagens e Educação EaD pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2019). Graduanda em Letras Libras/bacharelado pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2018). Graduada em Letras Libras/Licenciatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2018). e graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI (2009). Tem experiência em formação de contadores de histórias. Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - InterTrads registrado no CNPq. Coordenadora dos projetos de Extensão UFSCacessível, Cada Encontro eu Conto um Conto e Librando: Compartilhando literatura Surda. Tem se dedicado a pesquisas no campo da tradução Literária (par linguístico Libras/Português), Literatura Infantil e Libras, Literatura e Cultura Surda e Educação de Surdos. Bolsista do Programa UNIEDU/FUMDES pós-graduação. TAE e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atua na secretaria do Departamento de Libras (LSB) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Casada com Joel. Mãe de Priscila, Josué e Samuel. Serva do Senhor de passagem neste mundo.

**E-mail:** [chelly.s@hotmail.com](mailto:chelly.s@hotmail.com)

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2863-8829>